

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO DESVIANTE E DA JUSTIÇA

O Papel dos Relacionamentos Amorosos no Encarceramento: Uma Revisão Narrativa

Mariana Moreira Marcelino

M

2024



FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



AGRADECIMENTOS

Pela conclusão da presente dissertação, quero deixar o meu grande agradecimento a todos os que, de uma forma ou de outra, me apoiaram e incentivaram para a conclusão de mais uma etapa da minha vida.

Deste modo, quero agradecer primeiramente aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado ao longo de todo o meu percurso académico, que aceitaram e apoiaram as minhas decisões, embora nem sempre concordassem com elas, por me fazerem sempre sentir amada e inculcaram em mim um grande sentido de valor e confiança para atingir todos os meus objetivos. Sem vocês não seria possível.

Obrigada aos meus irmãos, Miguel e Martim, que são tão diferentes, mas os dois tão necessários.

Ao meu namorado Rafael, que vive as minhas vitórias e derrotas que como se dele fossem, que vê o meu valor quando eu não e que me impulsiona a chegar ao potencial que tenho, que sempre me apoiou durante todo o meu percurso, um especial obrigado.

Um enorme agradecimento à minha avó, que me recebeu em casa dela quando iniciei o meu percurso académico, que sempre me aconselhou e fez de mim uma pessoa melhor.

A todos, um grande obrigado!

RESUMO

A população de pessoas reclusas tem vindo a aumentar e o estudo sobre a mesma destaca-se, no domínio da Psicologia, desde o final da década de 90 altura em que a taxa de reclusos atingiu proporções sem precedentes (Comfort, 2007). Contudo, apenas recentemente as relações amorosas tem sido alvo de análise no contexto prisional, ainda que, a escassa literatura destaque a relevância das relações românticas, pois, parecem ser uma grande fonte de suporte emocional, bem-estar mental e esperança perante as dificuldades enfrentadas por homens e mulheres aprisionados, além de contribuir para a sua reentrada bem-sucedida na sociedade.

Pretendemos com este trabalho, justamente, aprofundar esta temática realizando uma revisão narrativa em torno do modo como a investigação tem estudado os relacionamentos amorosos num contexto em que as pessoas vivem separações forçadas e com falta de recursos, e, ainda, quais os meios e recursos que os casais utilizam para (re)construir e/ou manter os laços afetivos. Para tal, analisamos artigos desde o ano de 2015, que abordassem tanto a perspetiva dos reclusos como a dos respetivos parceiros. Os principais resultados revelam que o encarceramento acrescenta pressão e solidifica tensões pré-existentes nos relacionamentos, que podem colmatar no término dos mesmos. Noutros casos, paradoxalmente, o encarceramento torna-se numa oportunidade para manter e até (re)construir os relacionamentos. Os reclusos e os seus parceiros utilizam os meios de contacto providenciados para o sistema prisional (cartas, visitas e chamadas telefónicas) para negociar as suas relações e expandir a capacidade de cumprir os seus papéis românticos, desafiando os conceitos da separação física. Os efeitos negativos do encarceramento parecem estender-se para lá da prisão, impactando primordialmente os parceiros, que apesar de não terem sido condenados, sofrem com uma sentença paralela, demarcada por sentimentos de solidão, isolamento, stress e estigma.

A análise da literatura aborda ainda as limitações dos estudos como terem amostras pequenas, ausência de estudos longitudinais, pouco foco em relacionamentos LGBTQIA+, necessidade de aprofundar o impacto dos relacionamentos amorosos no comportamento dos indivíduos encarcerados a longo

prazo e o papel dos sistemas de suporte institucionais na manutenção dos laços românticos.

Palavras-chave: prisão, reclusos, relações românticas, relações afetivas, reabilitação, reincidência.

ABSTRACT

The population of inmates has been growing and the study of them has stood out in the field of psychology since the late 1990s (Comfort, 2007), when the rate of incarceration reached unprecedented proportions (Comfort, 2007). However, only recently have romantic relationships been analysed in the prison context, even though the scarce literature highlights the importance of romantic relationships, as they seem to be a great source of emotional support, mental well-being and hope in the face of the difficulties faced by imprisoned men and women, as well as contributing to their successful re-entry into society.

With this review we intend to delve deeper into this subject by carrying out a narrative review of how research has studied love relationships in a context in which people live, characterised by forced separations and a lack of resources, and, also what means and resources couples use to (re)build and/or maintain emotional ties. To this end, we analysed articles from 2015, which addressed both the perspective of prisoners and the perspective of their partners. The main results show that imprisonment adds pressure and solidifies preexisting tensions in relationships, which may lead them to end. In other cases, paradoxically, imprisonment becomes an opportunity to maintain and even build relationships. Prisoners and their partners use the means of contact provided by the prison system (letters, visits and phone calls) to negotiate their relationships and expand their capacity to fulfil their romantic roles, challenging the concepts of physical separation. The negative effects of incarceration seem to extend beyond prison, primarily impacting the partners, who despite not having been convicted, suffer from a parallel sentence, demarcated by feelings of loneliness, isolation, stress and stigma.

The literature review also addresses the limitations of research in this field, namely the fact that studies have small samples, a lack of longitudinal studies and little focus on LGBT+ relationships, as well as methodologies that delve into the impact of romantic relationships on the long-term behaviour of incarcerated individuals and the role of institutional support systems in maintaining romantic ties.

Keywords: prison, inmates, romantic relationships, emotional relationships, rehabilitation, recidivism.

ÍNDICE

1.	INTRODUÇÃO	8
2.	METODOLOGIA	10
3.	REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA	12
4.	REFLEXÕES CONCLUSIVAS	26
5.	BIBLIOGRAFIA	29

1. INTRODUÇÃO

A reclusão está associada à perda da liberdade e é realidade que afeta milhões de indivíduos mundialmente. Além dos lesados, as consequências da prisão repercutem-se, impactando famílias, comunidades e estruturas sociais mais amplas. Compreender as extensas implicações do encarceramento torna-se imperativo, especialmente porque a população prisional continua a crescer globalmente.

Diferentes investigações internacionais sugerem que os números da reclusão têm aumentado de forma surpreendente (Duarte, 2013), o que sustenta e legitima a enorme importância do seu estudo. A investigação nesta área tem-se focado, sobretudo, na população reclusa masculina já que esta apresenta um número muito superior ao da população reclusa feminina, independentemente do país ou contexto considerado. No entanto, apesar das baixas taxas de reclusão feminina, o número de mulheres reclusas tem vindo a aumentar em vários países a nível mundial (United Nations, 2008). Assim, o encarceramento afeta milhões de indivíduos mundialmente, sendo que uma vasta proporção destes números se foca nos Estados Unidos. Segundo Dutcher & Barnes-Ceeney (2021), aproximadamente 2.3 milhões de pessoas estão encarceradas nos E.U.A. tornando-o no maior sistema prisional mundial aos dias de hoje. O aumento das taxas de reclusão é, também, uma das razões que motiva o aumento do número de estudos realizado sobre o fenómeno, as suas implicações, os efeitos negativos e o impacto que traz para as relações interpessoais dos reclusos (Geller, Garfinkel, & Western, 2011) e, sobretudo, para as suas famílias e relações íntimas (Granja, Cunha, & Machado, 2012).

Com um ordenamento jurídico próprio, Portugal dispõe de um sistema penal punitivo, que assenta na proposição de "...finalidade de reintegração social do arguido e do condenado, reconhecida, em geral, às sanções criminais e em particular às penas privativas de liberdade (artigo 40.º e artigo 43.º, CP)". O mesmo é composto por penas principais (prisão e multa), penas não privativas de liberdade (multa), suspensão de execução da pena de prisão, entre outras (Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais – DGRSP, 2022). Para o presente trabalho, importa a pena principal de prisão, que é representada pela expressão "reclusão".

Em 2022, havia 483.593 mil presos na União Europeia (UE), mais cerca de 1,7% em relação a 2021. Segundo dados divulgados pelo Eurostat, por cada 100 mil habitantes na UE existiam 108 reclusos. Em Portugal, a população prisional corresponde a uma taxa de 125 reclusos para 100 000 habitantes da população nacional. Relativamente ao género, desde 2016, um em cada 19 reclusos era do sexo feminino. Os recentes dados relativos a 2022 revelam que, em comparação com 2021, o número de presos do sexo masculino aumentou 1,7% e do feminino 2%. Em 2022, 5,3 % dos reclusos na UE eram mulheres (Eurostat). Segundo dados da Direção-Geral da Política de Justiça (DGPJ), a população prisional (excluindo os centros educativos) em Portugal no ano de 2023 ascendia os 12 000 (DGPJ, 2024). Desses, 11.167 eram do sexo masculino e 887 eram reclusas (DGPJ, 2024). Estes números revelam uma subida no número de reclusas e uma descida no número de reclusos, no entanto, tais variações resultam numa descida do número geral da população prisional (DGPJ, 2024). Os números apresentados estão em concordância com os dados e estatísticas internacionais – quanto à taxa desproporcional entre o número de reclusos do sexo masculino e do sexo feminino.

Como se constata na literatura, os relacionamentos amorosos, em particular, servem de fundação para o bem-estar emocional e psicológico, e o encarceramento coloca estes laços à prova. Laços românticos fortes estão associados com a redução da taxa de reincidência (Wallace et al., 2020) e melhores resultados no pós-libertação (Granot & Einat, 2022). Apesar disso, a literatura refere que o encarceramento coloca tensões profundas nestas relações, nomeadamente desconexão emocional, troca de papéis, dificuldades financeiras, barreiras de comunicação.

Sendo esta uma área de estudo recente, propomo-nos, neste trabalho, fazer uma revisão narrativa da literatura em torno da seguinte questão: de que modo a investigação tem estudado os relacionamentos amorosos num contexto em que as pessoas vivem separações forçadas e com falta de recursos, e, ainda, quais os meios e recursos que os casais utilizam para (re)construir e/ou manter os laços afetivos. Ou seja, dito de outro modo, qual o impacto psicológico, emocional e social que o encarceramento tem sobre a relação, desafios de comunicação, as estratégias de coping utilizadas e, por fim, como interfere na dinâmica após a libertação.

2. METODOLOGIA

Este estudo é composto por uma revisão narrativa da literatura a respeito do tema “O Papel dos Relacionamentos Amorosos no Encarceramento” tendo por primeiro objetivo sintetizar e analisar a literatura existente acerca desta temática. Pretendíamos também explorar de que forma o encarceramento afeta a probabilidade de manutenção de um relacionamento, as estratégias desenvolvidas e utilizadas pelos casais para esse fim e as dinâmicas durante a reentrada. Por ser uma análise exploratória fizemos uma análise de estudos a partir de 2015 que focassem a perspectiva do indivíduo encarcerado e/ou do parceiro. Para tal utilizamos várias palavras-chave determinadas após uma leitura flutuante dos estudos. Verificamos como dominantes, o bem-estar emocional e psicológico, satisfação e estabilidade relacional, mecanismos de enfrentamento e suporte social, impacto económico, estigma social e isolamento, dinâmicas de género, reabilitação, reincidência e fatores institucionais. A recolha dos dados foi realizada utilizando as bases de dados Scopus, Wiley, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e EBSCOHost, nos meses de junho a setembro de 2024, utilizando as seguintes palavras-chave: intimidade, prisão, romance, prisioneiros, relacionamento amoroso e encarceramento, e os respetivos termos em inglês.

Foram estabelecidos também critérios de inclusão e exclusão de forma a garantir a qualidade e relevância dos artigos selecionados. Os critérios de inclusão foram: a população- estudos que envolvessem indivíduos encarcerados que faziam, ou tinham feito parte, de relacionamentos heterossexuais e/ou homossexuais, ex-reclusos que tivessem feito parte de um relacionamento amoroso aquando o seu aprisionamento e, por fim, parceiros de indivíduos encarcerados-, a data de publicação que deveria ser igual ou posterior a 2015, artigos publicados na língua inglesa ou portuguesa, e por fim, estudos que medissem especificamente a satisfação, intimidade, comunicação, impactos negativos e reincidência.

Por fim, os critérios de exclusão foram estudos cujos participantes fossem menos de 18 anos, estudos que se focassem exclusivamente em relacionamentos

não amorosos e estudos que não explorassem o impacto do encarceramento nos relacionamentos amorosos.

3. REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

Um dos efeitos mais imediatos e duradouros do encarceramento num relacionamento amoroso são as sequelas emocionais que acarreta tanto para os indivíduos presos, como para os seus parceiros (Comfort et al. 2016).

Indivíduos encarcerados por vezes debatem-se com fortes sentimentos de culpa e de inadequação perante os seus parceiros, especialmente quando se vêem incapazes de providenciar apoio emocional e financeiro à sua família (Sholihah, Kaloeti, Dinardinata & Rahmadian S., 2021; Granot & Einat, 2022, Comfort et al. 2016). Granot e Einat (2022), acrescentaram ainda que estes sentimentos de culpa estavam intimamente ligados com o facto de, frequentemente, os reclusos não se reverem no crime cometido por eles e que, segundo a sua perceção, não seria consistente com o seu comportamento normativo enquanto parceiros românticos. Isto mostra uma dissonância entre a imagem que tem de si mesmos no contexto dos relacionamentos amorosos, e os atos que os levaram à sua condenação, o que amplifica a sensação de culpa e a sua imagem enquanto parceiro na relação (Granot & Einat, 2022). Estes mesmos autores realizaram um estudo sobre a visão retrospectiva de 15 ex-reclusos masculinos, que estavam envolvidos num relacionamento amoroso no período em que se encontravam encarcerados. Os participantes realizaram entrevistas semiestruturadas em que lhes foram colocadas questões relativas ao seu período de aprisionamento, e o consequente impacto nas suas relações. Os principais resultados deste estudo foram o facto de os reclusos terem uma perceção ambivalente acerca das relações que mantinham, que, simultaneamente, viam como positivas e negativas. Por um lado, consideravam as relações amorosas como uma grande fonte de apoio emocional e atenuadoras de sentimentos de solidão, mas, por outro lado, relataram um profundo sentimento de arrependimento, pois sentem que o seu comportamento criminal causou uma dupla traição na confiança das parceiras, por causa da omissão do crime e as consequentes repercussões que também caíram sobre elas, nomeadamente em termos emocionais e económicos.

Paralelamente, no estudo de Dutcher & Barnes- Ceeney (2021), foram entrevistados sete homens cujas parceiras românticas estavam encarceradas. Os participantes relataram que frequentemente experienciam “a facilitação do laço social”

(Dutcher & Barnes- Ceeney, 2021, p.1005)., que consiste numa mistura de atos inconscientes e de planos deliberados para “facilitar os laços que os unem”. Estes atos passavam por promover a comunicação, aberta e honesta, nomeadamente através das chamadas telefónicas, para as incluir nos acontecimentos do mundo exterior, incutir um certo sentido de normalidade, e, simultaneamente, se manterem comprometidos na relação. Ademais, o estudo revelou que um dos mecanismos que os participantes utilizaram para manterem a sua conexão às suas parceiras, foi fazer a distinção mental entre a imagem que tem da sua parceira, do seu rótulo de criminosas, que acabam por entender como uma representação injusta do caráter da sua parceira. Este reenquadramento permite-lhes manter o distanciamento emocional da realidade dos crimes das suas parceiras e simultaneamente preservar o ideal romântico da sua relação.

Apesar do estudo de Dutcher & Barnes- Ceeney (2021), a análise da literatura revela que quando os indivíduos masculinos estão encarcerados, as suas parceiras estão mais propensas a manterem a relação (De Claire, Dixon & Larkin, 2019; DeShay, Vieraitis, Copes, Powell & Medrano, 2021; Nickels, 2019; Brum, Pereira & Smeha, 2023). Por outro lado, quando são as mulheres que estão encarceradas, é mais provável que sejam abandonadas pelos seus parceiros (Lermen & Batista e Silva, 2018, Einat, Harel-Aviram & Rabinovitz, 2013).

No estudo de Einat e colaboradores (2013), foram realizadas entrevistas semiestruturadas a oito homens que se encontravam num relacionamento sério (pelo menos 3 anos) com as suas parceiras encarceradas. Os resultados mostraram que o aprisionamento das parceiras provocou no relacionamento uma crise diádica significativa em que surgiram sentimentos de frustração, tensão e falta de confiança, e levava os homens a reconsiderar a sua motivação para manter a relação. Ademais, os participantes reportaram que os principais fatores que determinaram se os parceiros iriam permanecer juntos das suas companheiras eram a duração da pena de prisão e a duração do casamento, previamente ao encarceramento. O estudo demonstrou que sentenças mais longas, menor tempo de casamento (Einat et al. 2013), e a severidade do crime (Apel, Blokland, Nieuwbeeta & Van Schellen, 2009) poderiam levar à dissolução da relação (Einat et al. 2013; Apel et al., 2009).

Já no estudo de Nascimento, Marques & Osterne (2020) foram realizadas entrevistas a prisioneiros LGBT+ e seus parceiros, guardas prisionais e outros membros envolvidos no sistema prisional. O objetivo deste estudo foi fazer uma

exploração aprofundada de como os indivíduos LGBT conduzem as suas relações em prisões masculinas, focando-se principalmente nas dinâmicas de poder, normas e limites impostos pelo sistema prisional e a sociedade em geral. O estudo foi conduzido no Centro de Execução Penal e Integração Social Vasco Damasceno Weyne (CPIS), que é constituído por várias fações e por onde os reclusos eram divididos dependendo das suas filiações. Muitos participantes disseram manter relações com parceiros fora da prisão, e, simultaneamente, relações sexuais dentro da prisão para satisfazerem as suas necessidades físicas e emocionais. Acrescidamente, os reclusos LGBT frequentemente mantinham relacionamentos sexuais com reclusos heterossexuais que não se identificam como homossexuais, sendo que estas interações eram caracterizadas por trocas transacionais e evitamento de ligação emocional (Nascimento et al, 2020).

Os efeitos psicológicos do aprisionamento não são restritos aos próprios reclusos, mas estendem-se para lá das grades da prisão. O fenómeno de “aprisionamento secundário”, em que as famílias, nomeadamente os parceiros, dos indivíduos encarcerados experienciam o impacto direto, ou seja, consequências emocionais e sociais semelhantes, está bem documentado (Dutcher & BarnesCeeney, 2021; McDonnell, Lambert & Farrell, 2023). Membros da sua família, em particular parceiros românticos, atravessam um confinamento emocional a par dos seus entes queridos aprisionados, sentindo-se encurralados pelas limitações impostas pelo sistema prisional. Esta sensação de confinamento adquirido, frequentemente leva ao isolamento social e fadiga emocional. No estudo de Turney e colegas (2023), as mulheres reportaram sentir-se isoladas, descrevendo-se como “mães solteiras”, apesar de estarem numa relação.

O estudo de Turney et al (2023), fez parte da pesquisa do “Jail and Family Life Study”, e contou com as entrevistas de 85 mulheres que eram, ou tinham sido, parceiras românticas de parceiros encarcerados. As participantes deste estudo descreveram o encarceramento como uma espécie de “limbo” na relação, em que a incerteza acerca do futuro, tanto em termos da libertação do parceiro, como o futuro do relacionamento, as fazia questionar o seu comprometimento para com os parceiros. Esta incerteza fez com que algumas participantes tivessem optado por se priorizar a elas mesmas e aos filhos em detrimento da relação, enquanto outras renovaram a sua dedicação para com o parceiro encarcerado. Em última análise, o

impacto do encarceramento variava em função das dinâmicas pré-existentes no casal e do tempo da sentença (Turney et al, 2023; Einat et al, 2013).

Parceiros fora da prisão frequentemente experienciam ansiedade, depressão e um acentuado sentido de solidão (Turney, 2015). Mulheres cujos parceiros estão encarcerados enfrentam sentimentos exacerbados de marginalização, visto que frequentemente reportam experiências de estigma social e exclusão por parte da sua comunidade (DeShay et al, 2021). A este tipo de estigma chama-se “estigma de cortesia”, o que se traduz no facto das parceiras dos reclusos serem alvos de suposições negativas acerca da sua pessoa, por parte da sociedade, pelo facto de estarem associadas a eles. Tadros, Presley & Gomez (2022), corroboraram esta informação, dizendo que as parceiras dos reclusos sentiam frequentemente a necessidade de ocultar ou desmentir a relação, de forma a evitar serem estereotipadas pelos elementos das comunidades em que habitavam.

No estudo de DeShay e colegas (2021), foram realizadas entrevistas semiestruturadas a 12 mulheres cujo parceiro estava encarcerado. O objetivo foi verificar se essas mulheres experienciaram estigma por terem relacionamentos com homens presos e quais as estratégias que adotaram para lidar com o estigma e simultaneamente manterem os seus relacionamentos. As participantes revelaram que, embora seja desafiador manter uma relação com os seus parceiros encarcerados, o maior desafio que enfrentaram foi justamente o terem-se sentido estigmatizadas nomeadamente por parte de amigos e familiares que, considerando que esta escolha de “maus” parceiros românticos, contribuía para o seu estado mental:

“People thought I was crazy. People that knew, thought I was crazy. And, you know, a lot of people would say, “You’re so pretty, why don’t you go see somebody else or you know you’re so smart, why don’t you, you know go date a real guy, and you have everything goin’ for you, you have your job, your car, your house, and why are you waiting on this man?” (DeShay et al, 2021, p.258).

Os autores acrescentam ainda que, a forma de estas evitarem a estigmatização, muitas vezes, passava pelo facto de optarem por cortar relações com os ditos familiares e amigos, o que, conseqüentemente, contribui ainda mais para o seu isolamento social. Não obstante, as mulheres do estudo de DeShay e colaboradores (2021), entendem estas decisões como uma demonstração de

empoderamento destas mulheres por serem capazes de tomar as decisões do que é melhor para a vida delas.

Segundo De Claire et al. (2019), para os reclusos, a incapacidade de cumprir os papéis de género tradicionais, tais como ser o principal suporte financeiro da família geram um profundo questionamento de identidade. Quando essa “obrigação” é interrompida, os reclusos sentem-se diminuídos enquanto homens. Esta perda, exacerbada pela sua perceção de incapacidade de contribuir significativamente para a sua relação, pode impactar severamente sua a saúde mental (De Claire et al., 2019). E, ainda segundo estes autores, muitos homens demonstraram fortes sentimentos de fracasso e frustração pelo facto de as suas parceiras assumirem os seus papéis, paralelamente, também as mulheres mostraram dificuldades a gerenciar as finanças de casa sozinhas. Com efeito, as parceiras carregam um peso desproporcional, visto que regularmente assumem o papel de ganha-pão, enquanto, simultaneamente, lidam com as consequências emocionais do aprisionamento do seu cônjuge (Turney, 2015), o que provoca altos níveis de stress e ansiedade (Turney et al, 2023).

De forma a conseguirem contornar este obstáculo, segundo Comfort e colegas (2018), as parceiras optaram por arranjar múltiplos trabalhos e fazer sacrifícios difíceis, incluindo não visitar o seu parceiro ou realizar contacto telefónico, para pouparem dinheiro. Os custos associados com o encarceramento- tais como chamadas telefónicas pagas e os custos de viagem das visitas- sobrecarregam ainda mais o orçamento familiar, e contribuem para o eventual afastamento do casal (Durante, Meertins & Tadros., 2022; Kazura, 2017, Comfort et al. 2016).

Aziz, Razak, Mohamad, & Kamaluddin (2023), realizaram um estudo em que foram entrevistadas 15 mulheres com o objetivo de entender as várias formas como as mesmas são afetadas a nível emocional, social e financeiro quando os seus maridos são presos. Os resultados corroboraram os resultados mencionados por Durante, Kazura e Comfort, revelando que as mulheres, devido a problemas financeiros, não conseguiam ir visitar os seus parceiros e que as chamadas telefónicas também eram escassas. Ademais, muitas das participantes sentiam-se assoberbadas com as tarefas de casa, contas para pagar e criar os filhos sozinhas, o que se traduzia em sentimentos de ansiedade, depressão e solidão.

No estudo de Comfort et al. (2018) um participante contou que durante o seu período de aprisionamento, a sua esposa assumiu as finanças familiares e que, quando terminou a pena, foi difícil voltar a assumir o seu papel no seio familiar, o que

levava ao aparecimento de conflitos. Esta dificuldade em reestabelecer papéis é comum durante o período de reentrada, pois ambos os parceiros têm de se ajustar às dinâmicas que foram criadas pelo confinamento prisional. O mesmo fenómeno também se aplicou em situações em que a mulher se encontra encarcerada, e os seus parceiros livres. No estudo de Lermen & Batista e Silva (2018), examinaram como os homens frequentemente assumiram o papel de cuidadores, tradicionalmente associado a mulheres. Estas trocas de papéis podem também criar tensão relacional, particularmente quando o parceiro encarcerado tem dificuldade em adaptar-se ao seu papel reduzido na família durante o período de encarceramento.

Perante as diversidades que os casais passam a enfrentar quando um dos indivíduos está preso, rapidamente se percebe que a comunicação é imperativa para a manutenção das relações durante este período, no entanto, é um dos fatores mais difíceis de gerir. Para casais separados nesta situação, a capacidade de manter uma comunicação significativa e regular, pode ditar o futuro da relação e impactar o bem-estar emocional de ambas as pessoas. Seja através de visitas, chamadas telefónicas ou cartas, a comunicação serve como ponte para a manutenção da conexão romântica entre o casal. Tadros & Gregorash (2022), enfatizam que a comunicação consistente e segura instiga a resiliência emocional durante os períodos de separação. Apesar disto, manter a proximidade emocional através da comunicação torna-se particularmente difícil, especialmente quando o sistema prisional impõe inúmeras barreiras, nomeadamente, custos altos, limites de tempo e falta de privacidade. (Comfort et al. 2016; Aziz et al, 2023).

Durante e colaboradores (2022), acrescentam que os casais frequentemente citam as barreiras à comunicação como um dos desafios mais significativos para manter a relação. As chamadas telefónicas são caras e por vezes possuem limite de tempo, o que torna difícil para os casais terem conversas relevantes e íntimas. Adicionalmente, Dutcher & Barnes- Ceeney (2021), refere que os homens encarcerados tinham particular dificuldade com a falta de comunicação presencial ou “cara a cara”.

No mesmo sentido, no estudo de Kotova (2018) foram entrevistadas 33 mulheres tendo como objetivo explorar de que forma o encarceramento dos parceiros moldou as suas vidas pessoais e como geriam o seu tempo com as visitas à prisão. As participantes revelaram que as chamadas telefónicas com os seus parceiros eram ouvidas pelos guardas prisionais, o que fazia com que o casal não fosse capaz de se

expressar abertamente. E ainda que, além de as chamadas apenas durarem alguns minutos e as conversas serem pouco profundas, pouco contribuírem para diminuir o afastamento entre os reclusos e as famílias.

A literatura sugere que a forma de comunicação que causa menos ambivalência entre os casais são as cartas (Granot & Einat, 2022). As cartas são outra forma comum de comunicação, mas falta-lhes o fator imediato que as chamadas ou as visitas proporcionam. Não obstante, segundo os autores, os reclusos viam a correspondência de cartas como uma forma de expressarem o seu amor, sem restrições, evitando a pressão de prestar ou receber uma rápida resposta verbal (que as chamadas telefônicas e as visitas trazem). Tadros, Durante & Braxton. (2024a), acrescenta que, através da escrita de cartas, o casal pode tornar-se mais próximo pois a separação pode promover o romance. Ademais, a carta tem o poder de ter as palavras marcadas em papel, o que significa que quando o casal começa a sentir o peso da ausência física e das saudades, pode recorrer a elas para conforto, tal como referiu uma participante do estudo de Nickels (2019): “Quando dou por mim com mais saudades dele do que o costume, releio as cartas dele e olho para fotografias”, (Nickels, 2019, p.339).

Desafios logísticos, tais como a distancia entre prisões e a habitação das famílias dos indivíduos encarcerados, tornam também difíceis as visitas. Durante e colegas (2022) realizaram um estudo onde foram entrevistadas 937 parceiras de homens encarcerados, com o objetivo de perceber de que forma as barreiras institucionais afetam a percepção da qualidade do seu relacionamento. A maior parte das participantes reportou como principais entraves (i) os elevados custos de receber chamadas, (ii) o custo de visitar o estabelecimento prisional (muitas prisões situam-se em áreas rurais, afastadas das grandes cidades), (iii) o facto de o estabelecimento prisional ser um local desagradável e (iv) problemas com horários de visita. Estes fatores parecem associados á maior probabilidade de as participantes relatarem um afastamento perante o seu parceiro encarcerado. (Durante et al. 2022).

Parece que a separação física causada pelo confinamento exacerba a distância emocional entre os parceiros. Justamente, o estudo de Carcedo, Perlmen, FernándezRouco, Pérez & Hervalejo (2019) ressalta a importância da intimidade física na manutenção dos laços amorosos, reiterando que a sua falta pode levar a sentimentos de frustração, solidão e desconexão emocional, de ambas as partes. A separação física e a falta de comunicação contribuem para estes sentimentos, à

medida que o casal tem cada vez mais dificuldade em manter a sua intimidade emocional (Sholihah et al. 2021). McDonnell et al. (2023) enfatizam que essa separação prolongada frequentemente leva à desconexão emocional tanto para os reclusos como para os seus parceiros, impactando a qualidade do relacionamento e Nickels (2019) acrescenta que a separação também pode aumentar a tensão conjugal, exacerbada pela insegurança sobre o futuro.

No estudo de Brum et al. (2023), realizado com 12 mulheres parceiras de homens encarcerados, os resultados revelam que houve uma diminuição na comunicação aberta e nas interações entre o casal devido à falta de privacidade e às limitações impostas pelo ambiente prisional. As participantes mencionaram também que a falta de privacidade foi citada como um dos maiores desafios para a intimidade e sexualidade do casal, afetando a relação de maneira significativa. Não obstante, muitas participantes enfatizaram a importância das visitas íntimas para a manutenção da conjugalidade.

O estudo de Carcedo et al (2019) corrobora estes resultados com o seu estudo acerca da relação entre satisfação sexual e saúde mental de indivíduos encarcerados. Nesta investigação participaram 223 indivíduos (homens e mulheres), que realizaram o questionário Sexual Satisfaction Scale, (que avaliava a frequência, qualidade e satisfação da atividade sexual) e, também, o questionário Beck Depression Inventory (instrumento usado para medir a severidade de episódios depressivos). Os resultados mostraram que a falta de intimidade física demonstrou também ter um papel significativo no declínio do bem-estar mental, pois frequentemente faz com que os reclusos se sintam isolados e desconectados das suas parceiras (Carcedo et al, 2019; Granot & Einat, 2022). Neste estudo, reclusos que reportaram insatisfação sexual, reportaram também maior taxa de ansiedade e depressão. Assim sendo, a privação sexual é particularmente difícil para os casais, pois parece exponenciar a distância emocional já existente devido à separação física (Carcedo et al., 2019), e torna difícil manter o nível de proximidade existente a priori.

As visitas conjugais, quando permitidas, dão uma oportunidade para reconexão física e emocional. Tadros et al. (2022), reportou que os encarcerados que tinham acesso a visitas conjugais reportavam maiores níveis de satisfação na sua relação e exibem menos sintomas depressivos. Não obstante, as visitas não são frequentes, são altamente reguladas e não são opção em muitas prisões (Carcedo et al., 2019). Mas, estes encontros conjugais proporcionam um alívio emocional significativo para

o casal, especialmente para os indivíduos encarcerados, visto que oferecem um refúgio das condições rígidas e isoladas da prisão (Nickels, 2019). Turney et al. (2023), acrescentam, no mesmo sentido, que a possibilidade de ter interações íntimas e privadas, pode ajudar o casal a reafirmar o seu compromisso e providenciar uma sensação de normalidade perante as circunstâncias do encarceramento. As perspetivas das parceiras dos homens encarcerados perante as visitas íntimas são ambíguas uma vez que, por um lado, a sua falta por vezes leva-as a sentir-se mais isoladas social e emocionalmente (Tadros et al., 2022) mas, por outro lado, experienciam sentimentos de vergonha, desconforto, aquando da visita (Brum et al., 2023). Granot & Einat, (2022), afirmam também que os sentimentos dos encarcerados perante as visitas, eram também, muitas vezes, de vergonha, raiva e tristeza. Isto deve-se primeiramente ao facto de terem conhecimento de que as suas parceiras teriam de ser submetidas a revistas corporais, e, depois, ao facto de estarem algemados e separados por um vidro. Em casos mais graves, alguns participantes deste estudo optaram por renunciar às visitas, de forma a evitar as condições humilhantes para eles e para as suas parceiras.

Apesar das dificuldades significativas que o aprisionamento impõe numa relação amorosa, alguns casais são capazes de manter a sua ligação através de uma combinação de estratégias de coping e programas de suporte institucional. Estas estratégias focam-se em fomentar a confiança, promover a comunicação e participação nestes programas oferecidos pela prisão. Durante, Tadros, Braxton & Barbini (2023), realizaram um estudo em que analisam a relação entre várias formas de comunicação — como apoio emocional, sentido de humor e capacidade de lidar com conflitos — e a qualidade do relacionamento entre casais heterossexuais em que o parceiro masculino está encarcerado, a partir da perspetiva das mulheres não encarceradas. Os resultados mostraram que, aqueles que conseguiram manter o sentido de humor e lidar bem com conflitos relataram níveis mais altos de felicidade e uma menor probabilidade de se afastarem durante o encarceramento.

A manutenção da confiança parece ser crucial para os casais que atravessam períodos de separação física. O estudo de Durante et al. (2023), ressaltou a importância da comunicação de apoio, que serve como fator protetor para a preservação da relação durante o encarceramento. Casais que eram capazes de ter discussões abertas e honestas acerca dos seus sentimentos, medos e expectativas

tendiam a reportar maiores níveis de satisfação e proximidade emocional (Durante et al, 2023; McDonnell et al, 2023).

O estudo de De Claire et al. (2019) envolveu 4 casais heterossexuais, em que o parceiro masculino se encontrava encarcerado. Um dos casais entrevistados contou que escrevia cartas diariamente para se tranquilizarem mutuamente sobre o seu compromisso e para discutir planos futuros, o que os ajudou a navegar este período de separação. O marido encarcerado revelou que receber as cartas da sua esposa lhe deu esperança e ajudou-o a manter uma perspetiva positiva durante a sua sentença. Os parceiros masculinos disseram sentir uma grande conexão com as suas parceiras, que se refletia na estabilidade e identidade positiva da relação. Essa conexão era alimentada ao valorizarem-se e tranquilizarem-se mutuamente, mas também por trabalharem juntos para ajustes positivos na relação.

Ademais, Tadros & Gregorash (2022) descobriram que, altos níveis de apego nos relacionamentos estão ligados a um melhor ajuste diádico. Nestes casos, os casais demonstram um profundo apego emocional através de comunicação frequente, o que dá uma sensação de proximidade e mitiga os efeitos negativos da separação física. Em suma, casais que priorizam a comunicação consistente, mesmo num ambiente restrito como o encarceramento, demonstram resiliência para lidar com as adversidades (Tadros & Gregorash, 2022). Por outro lado, casais que eram incapazes de manter contato regular e transparente frequentemente tinham dificuldade em confiar um no outro. DeShay et al. (2021), revelaram que quando a comunicação era instável, os parceiros no exterior começavam a sentir-se inseguros quanto ao futuro da sua relação. Uma participante do estudo referiu que as cartas inconsistentes do marido a fizeram questionar o seu compromisso com ela, levando a sentimentos de suspeita e insegurança, o que acabou por levar ao término da relação. Em concordância, mas por parte dos indivíduos encarcerados, perante a comunicação ineficaz das companheiras, estes demonstravam sentimentos exacerbados de ansiedade (Comfort et al, 2018), perante a possibilidade de infidelidade por parte das companheiras (Comfort et al., 2018; De Claire et al., 2019).

Paralelamente, as companheiras apresentavam dificuldades a lidar com a desconfiança e o ciúme (Comfort et al, 2018), e por isso adotavam atitudes que tomavam como “seguras”, tais como- evitar sair e restringir a sua vida a casa, ao trabalho e às visitas prisionais- de forma a evitar conflito (De Claire, et al, 2019). Outro mecanismo bem-sucedido na manutenção dos relacionamentos no contexto do

encarceramento é estabelecer objetivos partilhados e planos para o futuro, que ajudam a manter a esperança e compromisso para com a relação. Segundo Comfort et al (2018), a antecipação de se reunirem e contruírem uma vida juntos pode servir de grande motivação para os indivíduos encarcerados, incentivando-os a respeitar as regras da prisão e participar em programas de reabilitação.

Programas de suporte institucionais, tais como terapia e programas de aconselhamento, provaram também ter um papel crucial no auxílio da manutenção das relações durante o encarceramento. Tadros et al. (2022), enfatizaram como a terapia familiar pode impactar as habilidades de comunicação e ajudar os casais a resolver conflitos.

Kazura (2017) realizou um estudo que foi conduzido na prisão Northeast United States com 40 casais (40 homens encarcerados e as suas 40 parceiras). Neste estudo, o autor apresentou o impacto do Programa de prevenção e melhoria de relação (PREP), e este provou ser altamente benéfico para adquirir ferramentas de comunicação eficazes, aumentar a atitude positiva perante o relacionamento e aprender os principais fatos de risco para a dissolução da mesma. Durante o programa, os casais mostraram que estabelecer regras durante as discussões era algo em que tinham muita dificuldade. Ademais, todos os participantes enfatizaram a necessidade deste tipo de programas na prisão. Comfort et al. (2018), enfatiza também a necessidade destes programas, dizendo que podem ajudar os casais a preparar-se para a transição, estabelecendo expectativas realistas, de forma a prevenir o ressentimento e desapontamento. Apesar dos benefícios, nem todas as instituições prisionais, e, por conseguinte, os casais, tem acesso a esses programas, o que pode resultar no aumento da tensão sobre o casal, e, em alguns casos, eventualmente levar ao término das relações (De Claire et al, 2019).

Redes de apoio familiar são também extremamente importantes, pois podem providenciar suporte financeiro e emocional, diminuindo assim o fardo sobre a pessoa que está fora da prisão (Tadros & Anh Le, 2024b). Tadros & Anh Le, (2024b) acrescentou ainda que, sentir o apoio da família pode reduzir as hesitações de manter a relação e até contribuir para um maior comprometimento do casal, e até encorajá-los a nutrir e melhorar a sua relação. Ademais, segundo Comfort et al. (2016), grupos de suporte especificamente criados para os parceiros de indivíduos encarcerados podem oferecer suporte emocional, criar um sentido de comunidade e o entendimento daqueles que estão a passar pela mesma situação. O autor acrescenta ainda que, os

participantes em grupos de suporte relatam uma maior capacidade para lidar com situações de stress criadas pela separação, e um maior sentido de compromisso para com os seus parceiros que estão na prisão.

A transição do encarceramento para a sociedade, é um período crítico para os indivíduos que se encontravam presos. Segundo Apel (2016), após a libertação, os indivíduos estavam mais propensos a sair de casa e/ou separarem-se, sendo que o maior efeito do encarceramento surgia no primeiro mês após a libertação. Acrescentou ainda que, o género e a etnia também impactavam o efeito do encarceramento na estabilidade relacional. Por exemplo, a disrupção era mais pronunciada para homens afro-americanos, que eram particularmente penalizados pela instabilidade residencial. Por outro lado, para este mesmo grupo, o impacto do encarceramento nos seus relacionamentos apesar de imediato e significativo, a longo prazo, o efeito do encarceramento na estabilidade das suas relações parecia ser menos severo. Em contraste, os hispânicos mostraram perturbações significativas a longo prazo após o encarceramento, especialmente no que diz respeito à transição para a coabitação ou casamento. Noutro estudo de 2009, o mesmo autor acrescenta ainda que o risco de divórcio ia aumentando ao longo do tempo após a libertação e que os ex-reclusos tinham o dobro da probabilidade de se divorciar, comparativamente à população não reclusa.

Deste modo, é possível concluir que esta fase é marcada por inúmeros desafios, tais como: arranjar emprego, restabelecer relações pessoais, discriminação social em alguns casos, a procura de um novo alojamento (Cataldi & Cataldi, 2024). Um dos fatores que tem atraído maior atenção na pesquisa é o papel das relações amorosas na determinação do sucesso na reentrada no mundo “real” e o seu impacto na reincidência. Justamente, Cataldi & Cataldi (2024) realizaram um estudo baseado em dados adquiridos três prisões italianas que fazem parte de um projeto europeu chamado “Calypsos”. O estudo contou com uma amostra de 60 reclusos (51 homens e 9 mulheres) e o principal objetivo era investigar o papel das relações emocionais e o seu impacto em ações reabilitantes (como emprego e educação) e a reincidência. Os resultados revelam que um relacionamento amoroso estável pode fornecer um sistema de apoio fundamental, que ajuda na reintegração social e emocional dos indivíduos, atuando como um fator de proteção contra a reincidência. O estudo destaca ainda que o amor contribui para o bem-estar mental e ajuda na reintegração.

O estudo de Wallace, Larson, Somers, Padilla & Mays (2020) analisou dados do projeto “Serious and Violent Offender Reentry Initiative” (SVORI), um programa com o objetivo de melhorar a reentrada dos prisioneiros na sociedade, e contou com uma amostra de 1113 participantes masculinos. Os resultados suportam os do estudo de Cataldi e Cataldi (2024), acrescentando que, um dos fatores primários que influenciam a possibilidade de um ex-presidiário re-ofender é a qualidade da sua relação após a libertação. Wallace et al. (2020), estudaram este facto e concluíram que, apesar das relações estarem ligadas a maiores taxas de stress durante a reinserção, também relações marcadas por suporte, confiança e comunicação eficaz, estão associadas a uma menor taxa de reincidência.

Ademais, indivíduos que entraram ou saíram de uma relação durante este período, estão sujeitos a uma maior probabilidade de reincidir (Wallace et al, 2020). Por outro lado, Comfort et al. (2018), relatou que os casais após a reinserção, demonstram dificuldades em deixar as estratégias que tinham adotado aquando do encarceramento para preservar a relação. Estas estratégias que passavam por manter um espírito positivo e não contarem um ao outro incidentes que ocorriam em casa ou na prisão, rapidamente provavam ser debilitantes e desconfortáveis quando voltavam a reunir-se e tinham dificuldade em abordar assuntos sensíveis (Comfort et al., 2018). Os casais referem que a reinserção trouxe uma série de novos desafios para a relação, muitos dos quais eles se sentiam despreparados para enfrentar. E ainda que, aquando da libertação do parceiro, as mulheres já estavam desgastadas devido a vários anos de sacrifício, e, focavam-se mais na oportunidade de finalmente voltarem a ter algum apoio, do que propriamente na relação (Comfort et al, 2018).

Durante a reinserção, a presença de um parceiro romântico pode influenciar significativamente a probabilidade de sucesso ou fracasso. Comfort et al. (2018), observaram que relações íntimas frequentemente servem como uma fonte crítica de suporte emocional durante o período pós-encarceramento. Ademais, Tadros et al. (2023) acrescentam que, relações fortes com os parceiros românticos e com a família durante o encarceramento, ajudam os indivíduos a terem maiores taxas de sucesso pós-libertação e menor probabilidade de reincidir.

Outro fator motivador para que os ex-reclusos deixem o crime é o facto de terem filhos (Comfort et al, 2018). DeShay & Vieraitis (2019), descobriram que as relações frequentemente colocam pressão nestes indivíduos para mudarem as suas vidas, especialmente quando estão crianças envolvidas. Isto tem a ver com o facto de

eles quererem agradar a parceira ou ser uma boa influencia para alguém significativo nas suas vidas. Além disso, a necessidade de sustentar o cônjuge e/ou filhos, e as mudanças nas rotinas e círculos sociais provocados pelos relacionamentos, por vezes em combinação com emprego, parecem ser fatores determinantes para a não reincidência em atos criminosos (DeShay & Vieraitis, 2019).

4. REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Nesta revisão da literatura constatamos que o impacto do encarceramento nos relacionamentos amorosos é multidimensional e impõe um grande fardo emocional, financeiro e psicológico sobre ambos os membros do casal, no entanto, estas relações, quando mantidas, são também uma imensa fonte de suporte emocional e estabilidade principalmente para o recluso, influenciando tanto o processo de reabilitação, como a probabilidade da reincidência (Comfort et al., 2018; Tadros et al., 2022). Ou seja, parece ser claro o profundo impacto emocional que o encarceramento tem sobre os relacionamentos amorosos já que os estudos consistentemente mostraram que os relacionamentos amorosos têm um papel fundamental na mitigação de sentimentos de solidão e isolamento social nos indivíduos encarcerados gerando saúde mental, satisfação geral na vida (Carcedo et al., 2010), sentido de normalidade e esperança para o futuro (De Claire et al., 2019). Não obstante, a literatura também revela que os relacionamentos são simultaneamente fontes de refúgio e de stress, especialmente devido às restrições impostas pelo sistema prisional (Granot & Einat, 2022). Para os parceiros no exterior, o encarceramento é igualmente impactante como revela o conceito de “aprisionamento secundário” que se refere à restrições emocionais, sociais e financeiras do cônjuge livre (Turney et al., 2023), maioritariamente as mulheres, com forte impacto na sua saúde mental.

A literatura aborda abundantemente as limitações impostas pelos sistemas prisionais sobre os casais. Trata-se de barreiras financeiras e logísticas como os elevados custos das chamadas, horas restritas para visitas, acesso inadequado para as visitas conjugais e falta de privacidade (Granot & Einat, 2022; Carcedo et al., 2010).

Sendo o atual sistema prisional tão focado na punição, pouca atenção é prestada à necessidade emergente de programas de suporte à reabilitação, que englobe também o apoio à manutenção de laços emocionais e bem-estar destas pessoas. Assim sendo, o sistema deveria permitir o acesso a comunicação mais frequente e acessível (principalmente devido ao impacto financeiro que o encarceramento tem nas famílias), entre os reclusos e os parceiros, ao reduzir o custo das chamadas telefônicas e aumentar a possibilidade de visita (incluindo conjugais) (Carcedo et al., 2019; Durante et al., 2022). Até porque os estudos apontam para o facto do bem-estar psíquico dos reclusos poder ter um papel significativo na redução

da reincidência. Ademais, as instituições prisionais deveriam adotar mecanismos facilitadores de comunicação, nomeadamente programas de visitas virtuais, que seriam particularmente úteis para os casos em que o parceiro no exterior vive longe do estabelecimento, e conseqüentemente, tem acesso a poucas visitas presenciais. Apesar de estes programas não terem a capacidade de substituir a intimidade física, poderiam ajudar a manter a conexão e suporte emocional entre o casal. A literatura sugere também programas de suporte psicossocial para os reclusos e os parceiros como um fator importante para a manutenção dos relacionamentos. Oferecer ao casal terapia e aconselhamento- mesmo remotamente-, poderia ajudá-los a ajustarem-se à nova dinâmica e desafios impostos pelo encarceramento, instilando a confiança, comunicação aberta e resiliência emocional entre eles. A longo prazo, estes casais iriam usufruir também de uma transição mais saudável para a reunificação, reduzindo tensões e mal-entendidos que frequentemente surgem durante esta fase (Turney et al., 2023; Wallace et al., 2020).

A fase do pós-encarceramento, traz consigo outras problemáticas para os relacionamentos. Enquanto alguns casais são capazes de se reconectarem e reconstruírem, outros sentem dificuldades com a transição de volta à sociedade. Este facto traduz-se na alta taxa de dissolução que foi apresentada na literatura estudada, em particular no primeiro mês. Nesta fase crítica, o papel dos relacionamentos amorosos tanto pode estabilizar como destabilizar, dependendo da preparação prévia de cada casal. Aqueles que mantiveram uma comunicação aberta e honesta durante o encarceramento, tendem a ter melhores resultados, no entanto, para muitos casais o reajuste necessário para esta transição é assoberbante. Apesar destas dificuldades, os relacionamentos amorosos bem-sucedidos, são um fator protetivo de reincidência.

No que se refere às limitações da investigação, constatamos que muitos estudos possuem amostras pequenas, com homens reclusos e populações heterossexuais, ademais o interesse nesta temática foca-se na população dos Estados Unidos, uma vez que este país tem uma taxa elevada de encarceramento. Esta região tem diferentes sistemas prisionais, regras e estruturas legais, comparativamente, por exemplo, à Europa. Também o facto destes estudos se focarem num determinado momento no tempo, faz com que não exista muita compreensão, efetivamente, do impacto que o encarceramento tem numa relação. Estudos longitudinais ofereceriam uma melhor compreensão de como estas relações

se transformam com o tempo, nomeadamente durante o período de reinserção e os seus efeitos a longo prazo na reincidência.

Por fim, a literatura ainda se foca muito nos desafios e no impacto negativo que as relações sofrem devido ao encarceramento sendo escassa a investigação centrada nos aspetos positivos de manter um relacionamento durante este período. E ainda, consideramos que seria importante definir de modo mais profundo os construtos subjacentes ao laço emocional nestes casais.

Ainda que perante estas limitações, constatamos que os relacionamentos amorosos no contexto prisional enfrentam um leque de desafios que requerem o reconhecimento institucional e intervenções de suporte. Ao reconhecer e implementar estas necessidades, estes relacionamentos tem o poder de influenciar positivamente o bem-estar dos reclusos e a sua reabilitação e integração na sociedade. Adicionalmente, a literatura sugere que manter um relacionamento amoroso no período de encarceramento pode ajudar a reduzir sentimentos de solidão, oferecer um refúgio mental e, posteriormente, diminuir as taxas de reincidência.

Para este fim, o sistema criminal, deveria adotar uma abordagem mais holística, que reconheça o papel dos laços emocionais e a importância da manutenção das relações, durante e depois do encarceramento. Ao prestarem o seu apoio, a sociedade beneficiará de processos mais estáveis de reintegração e taxas mais baixas de criminalidade.

No futuro, a pesquisa deve continuar a explorar as várias dimensões dos relacionamentos amorosos no contexto da reinserção, com foco na qualidade da relação, comunicação e suporte mútuo. Ter um melhor entendimento acerca de como este tipo de relacionamento afeta os resultados pós-libertação, pode ajudar a criar intervenções que nutram conexões sociais positivas. Como Cataldi & Cataldi (2024) sugeriram, estudos futuros podem também analisar examinar o amor como um fator performativo na reabilitação, reconhecendo as dimensões sociais e emocionais da reintegração como centrais para reduzir a reincidência.

5. BIBLIOGRAFIA

- Apel, R., Blokland, A. A. J., Nieuwbeerta, P., & van Schellen, M. (2009). The Impact of Imprisonment on Marriage and Divorce: A Risk Set Matching Approach. *Journal of Quantitative Criminology*, 26(2), 269–300. doi:10.1007/s10940-009-9087-5
- Apel, R. (2016). The Effects of Jail and Prison Confinement on Cohabitation and Marriage. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 665, 103–126. <http://www.jstor.org/stable/24756093>
- Aziz, A. B. A., Razak, M. A. A., Mohamad, Z. S., & Kamaluddin, M. R. (2023). The implications of imprisonment of husbands towards the wives: A qualitative study in Malaysia. *Journal of Social Issues and Humanities*, 5(2), 15-29.
- Brum, R. R., Pereira, C. R. R., & Smeha, L. N. (2023). Percepções de Mulheres Companheiras de Homens Presos Acerca da Conjugalidade. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 43, e257337. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003257337>
- Carcedo, R. J., Perlman, D., Orgaz, M. B., López, F., Fernández-Rouco, N., & Faldowski, R. A. (2011). Heterosexual romantic relationships inside of prison: partner status as predictor of loneliness, sexual satisfaction, and quality of life. *International journal of offender therapy and comparative criminology*, 55(6), 898–924. <https://doi.org/10.1177/0306624X10373593>
- Carcedo, R. J., Perlman, D., Fernández-Rouco, N., Pérez, F., & Hervalejo, D. (2019). Sexual Satisfaction and Mental Health in Prison Inmates. *Journal of Clinical Medicine*, 8(5), 705. <https://doi.org/10.3390/jcm8050705>
- Cataldi, L., & Cataldi, S. (2024). Prison and Love: The Role of Affection and Rehabilitative Actions in Reducing Recidivism and Beyond. *Social Sciences*, 13(6), 323
- Código Processo Penal Português, Lei n.º 48/2007 de 29 de Agosto, Diário da República, 1.ª série, n.º 166, 2007. Art. 40º e 43º.

- Comfort, M. (2007). Punishment Beyond the Legal Offender. *Annual Review of Law and Social Science*, 3(1), 271–296.
doi:10.1146/annurev.lawsocsci.3.081806.112829
- Comfort, M. L., McKay, T. E., Landwehr, J. G., Kennedy, E. K., Bir, A., & Lindquist, C. H. (2016). The costs of incarceration for families of prisoners. *International Review of the Red Cross*, 98(903), 783–798.
<https://doi.org/10.1017/S1816383117000704>
- Comfort, M., Krieger, K. E., Landwehr, J., McKay, T., Lindquist, C. H., Feinberg, R., Kennedy, E. K., & Bir, A. (2018). Partnership after prison: Couple relationships during reentry. *Journal of Offender Rehabilitation*, 57(2), 188–205.
<https://doi.org/10.1080/10509674.2018.1441208>.
- De Claire, K., Dixon, L., & Larkin, M. (2019). How prisoners and their partners experience the maintenance of their relationship during a prison sentence. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 30(3), 293–306.
doi:10.1002/casp.2445
- DeShay, R.A., & Vieraitis, L.M. (2020). “She’s putting pressure on me to do something”: The impact of personal relationships on intermittency in the criminal career. *Deviant Behavior*, 41, 665–682.
- DeShay, R. A., Vieraitis, L. M., Copes, H., Powell, Z. A., & Medrano, J. (2021). Managing courtesy stigma: Women and relationships with men in prison. *Criminal Justice Studies*, 34(3), 251–267.
<https://doi.org/10.1080/1478601X.2021.1966628>
- DGRSP (2024). Penas e medidas na comunidade: Sistema punitivo atual. Consultado em <https://dgrsp.justica.gov.pt/Justi%C3%A7a-de-adultos/Penas-e-medidas-na-comunidade/Sistema-punitivo-atual>
- Duarte, T. (2013). Amor, fidelidade e compaixão: “Sucata” para os presos. *Sociologia & Antropologia*, V, 621–641
- Durante, K. A., Meertins, J. R., & Tadros, E. (2022). Institutional relational maintenance barriers and perceptions of relationship quality among women with incarcerated partners. *Crime & Delinquency*. Advanced online publication.
<https://doi.org/10.1177/00111287221113304>.

- Durante, K. A., Tadros, E., Braxton, C., & Barbini, M. (2023). Supportive communication skills as a protective factor among couples experiencing incarceration. *Criminal Justice and Behavior*, 50(11), 1643-1660.
- Dutcher, T., & Barnes-Ceeney, K. (2023). Facing the Ties That Bind: Understanding Experiences of Men With An Incarcerated Romantic Partner. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 67(10-11), 999-1016. <https://doi.org/10.1177/0306624X211059319>
- Einat, T., Harel-Aviram, I., & Rabinovitz, S. (2015). Barred from each other: Why normative husbands remain married to incarcerated wives—An exploratory study. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 59(6), 654–679. <https://doi.org/10.1177/0306624x13512768>
- Ferrari, R. (2015). Writing narrative style literature reviews. *Medical Writing*, 24(4), 230–235. doi:10.1179/2047480615z.0000000000
- Geller, A., Garfinkel, I., & Western, B. (2011). Paternal incarceration and support for children in fragile families. *Demography*, 48, 25-47, doi:10.1007/s13524-010-0009-9
- Granja, R., Cunha, M., & Machado, H. (2012). Intimidades em (des)conexão com a prisão: As relações amorosas de mulheres antes e durante a reclusão. VII Congresso Português de Sociologia. Porto: Universidade do Porto.
- Granot, N., & Einat, T. (2022). “The Course of Love Never Did Run Smooth”: Ex-Inmates’ Attitudes Toward Heterosexual Romantic Relationships. *The Prison Journal*, 102(3), 325-346. <https://doi.org/10.1177/00328855221095538>
- Kazura, K. (2017). Relationship Intervention for Inmates and Their Partners: Bringing Couples Together Before Release. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 62(9), 2586–2600. doi:10.1177/0306624x17721525
- Kotova, A. (2018). ‘Time ... lost time’: Exploring how partners of long-term prisoners experience the temporal pains of imprisonment. *Time & Society*, 28(2), 478-498. <https://doi.org/10.1177/0961463X18763688>

- Lermen, H. S., & Silva, M. B. B. (2018). Masculinidades no Cárcere: Homens que Visitam suas Parceiras Privadas de Liberdade. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 38(spe2), 73–87. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000212034>
- Leverentz, A. (2006). The love of a good man? : Romantic relationships as a source of support or hindrance for female ex-offenders. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 43(4), 459-488.
- McDonnell, D., Lambert, S., & Farrell, A. (2023). The experience of having a partner in prison—A systematic review and meta-ethnography. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 33(5), 1151–1170. <https://doi.org/10.1002/casp.2697>
- Nascimento, M., Marques, R., & Osterne, F. (2020). Relações e relacionamentos de pessoas LGBT em prisão masculina: Entre normas e limites do dentro e fora da prisão. *Dilemas: Revista De Estudos De Conflito E Controle Social*, 13(2), 297–316. <https://doi.org/10.17648/dilemas.v13n2.20088>
- Nickels, B. M. (2019). Love locked up: An exploration of relationship maintenance and perceived barriers for women who have incarcerated partners. *Journal of Family Communication*, 20(1), 36–50. <https://doi.org/10.1080/15267431.2019.1674853>
- Sholihah, K. U., Kaloeti, D. V. S., Dinardinata, A., & Laksmi, R. S. (2021). Maintaining Marriage behind the Prison: A Qualitative Study through Incarcerated Husband Perception. In *International Conference on Psychological Studies (ICPSYCHE 2020)* (pp. 311-317). Atlantis Press.
- Tadros, E., Presley, S., & Gomez, E. (2022). “Not for the Weak”: The Lived Experience of Women in Romantic Relationships with Incarcerated Individuals. *Crime & Delinquency*, 68(12), 2274-2297. <https://doi.org/10.1177/00111287221077657>
- Tadros, E., & Gregorash, A. M. (2022). Couple Connectedness in Corrections: Attachment, Childhood Parental Stability, and Dyadic Adjustment in Romantic Relationships With an Incarcerated Partner. *Crime & Delinquency*, 0(0). <https://doi.org/10.1177/00111287221134048>
- Tadros, E., Vlach, A., & Sipla, J. (2023). The Impact of PTSD and Depression on Romantic Attachment Within Incarcerated Romantic Relationships. *TheFamilyJournal*, 0(0). <https://doi.org/10.1177/10664807231205580>

- Tadros, E., Durante, K.A. & Braxton, C. (2024a) Reliability of Responsibility: A Predictor for Romantic Relationship Satisfaction and Cohesion among Incarcerated Coparents. *J Child Fam Stud* 33, 2225–2237 (2024). <https://doi.org/10.1007/s10826-023-02766-y>
- Tadros, E., & Le, K. N. A. (2024b). The Mediating Effects of Extended Family Support and Relationship Change on Romantic Bonding and Support in Romantic Relationship Among Incarcerated Men. *Victims & Offenders*, 1–14. <https://doi.org/10.1080/15564886.2023.2301307>
- Turney, K. (2015). Hopelessly devoted? Relationship quality during and after incarceration. *Journal of Marriage and Family*, 77(2), 480–495. <https://doi.org/10.1111/jomf.12174>
- Turney, K., Malae, K. R., Christensen, M. A., & Halpern-Meekin, S. (2023). “Even though we're married, I'm single”: The meaning of jail incarceration in romantic relationships. *Criminology: An Interdisciplinary Journal*, 61(4), 795–822. <https://doi.org/10.1111/1745-9125.12349>
- United Nations (2008). Handbook for prison managers and policymakers on women and imprisonment. Criminal Justice Handbook Series. New York: United Nations Publication
- Wallace, D., Larson, M., Somers, L., Padilla, K. E., & Mays, R. (2020). Recidivism and Relationships: Examining the Role of Relationships, Transitions, and Relationship Quality in Reincarceration. *Journal of Developmental and Life-Course Criminology*. doi:10.1007/s40865-020-00144-6